

O PAPEL DO CONSUMO NO DESENVOLVIMENTO E CONSOLIDAÇÃO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NO BRASIL: o caso da cesta sabores da terra

Katarina Ribeiro da Silva¹
Vanuza da Silva Pereira Ney²

Resumo

A economia solidária é profundamente marcada pela sua capacidade adaptativa e sua preocupação com o bem-estar de seus participantes. Na sociedade contemporânea, o consumo é um dos catalisadores mais dinâmicos de mudança social e integração econômica, sendo assim uma ferramenta fundamental de interação entre economia convencional e prática solidária. Partindo desta ideia, o trabalho objetiva compreender o relacionamento entre a economia solidária e o sistema capitalista, tendo o consumo como principal catalizador desta relação. Isto posto, a metodologia escolhida foi realizar um debate teórico sobre consumo e economia solidária, montar um panorama de economia solidária no Brasil e observar grupos de consumo responsável, buscando a interação entre as economias. Dessa forma, realizou-se um estudo de caso, com dados coletados em um projeto de consumo alternativo, o que contribui para a análise.

Palavras-chave: Economia Solidária, Consumo Consciente e Responsável, Grupos de Consumo.

Introdução

A economia solidária se apresenta para um indivíduo desatento como mais um desdobramento do capitalismo, por conseguir se inserir de forma harmônica dentro deste sistema, mas que de uma forma peculiar traz também características aparentemente adormecidas na atual sociedade, levando assim a uma confusão genuína no intuito de compreendê-la. Diferentemente das outras economias alternativas, tendo visto que a prática solidária se insere neste universo, ela não se limita a dialogar com a cúpula do Estado ou do Mercado, pois vai além, criando o seu próprio espaço de interação social. Ela busca continuamente o equilíbrio entre as noções de humanidade como igualdade, cooperação³ social e solidariedade, alinhando-as com a essência do Mercado, a ação econômica, sem desconsiderar o seu caráter independente de autogestão que atrai a simpatia do Estado como

¹ Universidade Federal Fluminense, katarinaribeiro@live.com

² Universidade Federal Fluminense, vanuzap@hotmail.com

³ “Operar simultânea ou coletivamente; colaborar.” Dicionário do Aurélio. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/cooperar>. Acessado em 3/10/2016.

um exemplo funcional de eficiente deste modelo administrativo (FRANÇA FILHO, 2002).

A importância e a presença da economia solidária na sociedade contemporânea brasileira não pode ser suprimida, ela está em todas as etapas do desenvolvimento econômico, tendo seus principais empreendimentos na produção, comercialização e consumo⁴. O Brasil tem mostrado avanços significativos na economia solidária, com incentivo e coordenação governamental, em que se estimulam o desenvolvimento das comunidades baseado em um modelo local de produção de riquezas. Isso vem garantindo a permanência dos indivíduos na localidade, tendo visto a viabilidade econômica gerada agora localmente permitindo a reprodução social da comunidade. O que antes não era possível, pois a impossibilidade de manutenção economicamente na região, impulsionava a migração para os grandes centros, que só servia para aumentar o inchaço urbano e ampliar as desigualdades com o “exército de trabalhadores de reserva”⁵ (SINGER, 2014).

Objetivando quebrar com o ciclo de reprodução capitalista surgiram alguns movimentos socioeconômicos que buscam desenvolver atos anticíclicos ao capital, ou seja, a partir de micro ações cotidianas almeja-se mudar de pouco em pouco o mundo. Estes projetos vêm ganhando adeptos e espaço social, trabalhado com eixos como o consumo. O consumo pode parecer apenas mais um mecanismo de manutenção e organização do capitalismo, uma forma de estimular a produção e a demanda, mantendo os indivíduos alinhados, participantes e contentes na economia. Entretanto sua capacidade peculiar de expressar padrões éticos e políticos de uma sociedade, o mostra como o catalizador ideal para a aproximação entre diferentes modelos econômicos. Seguindo este raciocínio percebe-se que os movimentos de consumo consciente e responsável possuem as características certas para aproximar as práticas de economia solidária da economia convencional, mostrando uma nova forma de se expressar socialmente aos indivíduos.

Objetivos

O objetivo central desta pesquisa é entender, a partir do caso específico da Cesta Sabores da Terra, a interação existente entre o movimento de consumo responsável e

⁴ Segundo os dados disponíveis no Sistema de Informações de Economia Solidária (SIES).

⁵ Termo utilizado por Marx para se referir ao excesso de trabalhadores presentes nos centros urbanos, que mantém os salários baixos devido à grande oferta de trabalho em correlação com a baixa demanda de força de trabalho pelos empresários, utilizado pelo Singer (s.d). Para mais informações ler Singer (s.d).

consciente e a economia solidária, usando-se dos agentes consumidores participantes do projeto para esta análise. Os objetivos específicos traçados para realizar este estudo foram, inicialmente, realizar uma reflexão da capacidade de complementaridade da economia solidária e os movimentos de consumo responsável e consciente. Seguido por uma apresentação do panorama brasileiro de alocação de práticas solidária e seu impacto na economia convencional. Posteriormente uma análise da relação socioeconômica dos consumidores da Cesta Sabores da Terra com a economia solidária e os movimentos de consumo consciente e responsável.

Metodologia

Tencionando cumprir os objetivos traçados, a pesquisa foi dividida em três momentos de abordagem e interação: revisão bibliográfica da economia solidária e movimentos de consumo responsável e consciente; panorama da economia solidária no Brasil numa perspectiva macrorregional; analisar com os dados coletados como os consumidores da Cesta Sabores da Terra, o perfil dos participantes e sua relação com os consumo responsável e consciente.

No primeiro momento destinado a revisão bibliográfica dos temas, apresentou-se a visão de autores brasileiros que tratam da economia solidária: Paul Singer, Euclides Mance e Luiz Gaiger. Já para no campo do consumo explorou-se autores fora do campo da economia, buscando contribuições da psicologia com Lilia Kanan e antropologia com Luciane Santos objetivando trazer uma visão de instrumento social para o consumo e a importância dos movimentos de consumo consciente e responsável.

No segundo momento foram utilizados os dados disponibilizados pelo Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária (SIES), através do Atlas Digital de Economia Solidária, que permitiram uma observação da distribuição brasileira de Empreendimentos Econômicos Solidária (EES). Usando também de dados macroeconômicos disponíveis no Observatório de Economia Solidária e do Cooperativismo (ONESC) para uma análise da importância da prática solidária dentro da região inserida.

No terceiro momento que trata do estudo da Cesta Sabores da Terra, usou-se de relatórios fornecidos pelo projeto para a esquematização da estrutura organizacional e foram usados dados coletados através de um questionário elaborado especificamente para a pesquisa.

Os 46 consumidores cadastrados no projeto foram convidados a responder um questionário acerca dos seus hábitos de consumo, situação socioeconômica, formação acadêmica e impressões sobre os produtos da cesta. Estes formulários foram aplicados nos consumidores em duas circunstâncias distintas, no momento de retirada da cesta por parte dos participantes e através do e-mail cadastrado na ficha dos integrantes do projeto. Tomou-se o devido cuidado para que estes dados não fossem duplicados, ou seja, todos os consumidores que responderam presencialmente não receberam o e-mail com o formulário e aqueles que receberam o e-mail, não foram questionados presencialmente. O levantamento foi realizado durante o segundo semestre de 2016 (outubro a dezembro), contando com a participação de 16 consumidores que responderam os questionários.

Resultados

Ao observar a economia solidária com a ajuda dos autores supracitados, percebeu-se uma discordância quanto a sua interação dentro do capitalismo. Enquanto Singer (s.d) defende que existe um modo de produção solidário que se adapta as oscilações próprias do capitalismo de uma forma ímpar, o qual cativa os marginalizados da economia convencional. Sendo também capaz de não apenas acolher estes indivíduos nos momentos de recessão, mais estimulá-los a desenvolver conjuntamente de forma cooperativada, mecanismos de desenvolvimento e manutenção da riqueza local. Desta forma pode-se perceber que os trabalhadores ao criarem cooperativas, aonde estão dispostos a partilhar sacrifícios, prejuízos e lucros, valorizando mais o material humano envolvido nas relações trabalhista do que o próprio capital, são capazes de estimular a economia de uma forma eficiente lidando adversidades decorrentes do capitalismo.

Gaiger (2003) já parte de um princípio distinto, pois enxerga a economia solidária não como um modo de produção diferente, mas uma adaptação de partes do mecanismo econômico capitalista influenciadas política e socialmente por diferentes correntes econômicas. Desta maneira, acaba remetendo à uma tentativa mal elaborada de mudar a forma de fazer produtiva, resultando em uma criação “Frankenstein”⁶ de um modo de

⁶ Referência ao monstro criado por Mary Shelley (1797 - 1851), que foi construído pelo Dr. Victor Frankenstein a partir de restos mortais diferentes e que carece de estruturas sociais básicas do ser humano, como: carinho,

produção, que por si só não se sustenta. Ou seja, para este autor a incapacidade da economia solidária de romper com as características da vida econômica capitalista, impede a criação de um novo modo de produção. Haja visto que o rompimento com as relações capitalistas as substituindo por experiências justas e solidárias, não impacta na reprodução dos mecanismos convencionais, justificando assim a insuficiência de transformações para considerar a existência de um modo de produção solidário.

Mance (2002, 2005) diferentemente dos autores apresentados anteriormente, traz o trabalhador para o centro da análise, considerando a sua realização profissional e bem-estar pessoal, ao tirar o foco da métrica econômica, ele consegue se deparar com o consumo solidário, trazendo então uma visão social para a economia solidária. O consumo em seu ponto de vista, é a chave para a independência e autonomia da prática solidária, a sustentação de todo o modelo econômico, pois ao consumir produtos solidários, os indivíduos estimulam as redes de colaboração solidárias. Todavia, as reflexões realizadas por este autor se singularizam quando comparadas as ideias de Singer (s.d) e Gaiger (2003), em razão de que almejam superar o capitalismo, fazendo da economia solidária o modelo vigente de uma sociedade pós-capitalista.

Desta forma, ao reunir os principais pontos discutidos e defendidos pelos autores, percebe-se que Singer (s.d) e Mance (2002, 2005) estruturam a economia solidária como um modo de produção distinto do capitalismo, de tão forma que para Mance (2002, 2005) ela irá transcender o capitalismo, enquanto Singer (s.d) julga que seu principal objetivo é ser uma alternativa dentro da economia convencional. Já Gaiger (2003) não enxerga na economia solidária as características necessárias para gerar mudanças significativas no capitalismo, sendo, portanto, para ele, uma tentativa de melhoria do sistema capitalista sem nenhum impacto transacional.

Ao se retirar de uma perspectiva teórica e acadêmica de economia solidária e se deparar com os comportamentos dentro do Brasil, a realidade se mostra promissora. Nos últimos 13 anos, obtiveram-se inúmeras conquistas no âmbito político e social, levando a criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) e o endodesenvolvimento de algumas regiões. Tendo em vista as práticas eficientes de longo e curto prazo realizadas com apoio governamental e não, apenas demonstram a capacidade adaptativa singular inata a

amor e família.

economia solidária, capaz de estimular e manter a riqueza de comunidades extremamente carentes (SINGER, 2014).

Observando os dados disponíveis pela SIES pode-se verificar o panorama macrorregional das atividades econômicas realizadas pelos empreendimentos solidários, deixando claro a amplitude da economia solidária dentro do Brasil, que possui 19.708 empreendimentos solidários, com a predominância claramente concentrada na região Nordeste (40,77%). Dentre os setores abordados pela economia solidária a produção ou produção e comercialização se destaca em todas as regiões, com 56,22 % dos empreendimentos solidários. O segundo maior setor representando 20,01% dos empreendimentos é o consumo, uso coletivo de bens e serviços pelos sócios mostrando a importância da relação com o consumidor para a economia solidária. Tendo a região Sudeste como um representante de considerável impacto, terceira maior concentração, com 16,37 % dos empreendimentos solidários brasileiros.

Observando a região Sudeste mais detalhadamente e com o auxílio de alguns indicadores econômicos convencionais, como o Produto Interno Bruto (PIB) e o Desemprego Formal, tem-se uma percepção diferente da representatividade da economia solidária dentro da região. Ao colocar estes dados paralelamente, percebe-se que o Sudeste sozinho é responsável por mais da metade do PIB Nacional (55,27%), concentra a maioria dos beneficiários do Desemprego Formal (45,05%) e apenas 16,37% dos empreendimentos solidários, perdendo neste quesito apenas para o Sul. Enquanto o Nordeste contribui com a terceira maior parcela do PIB Nacional (13,60%), possui uma parcela significativa dos beneficiários do Desemprego Formal (23,27%) e é líder na concentração de empreendimentos solidários (40,77%). Fazendo este panorama para todas as macrorregiões, percebe-se uma relação entre a posição da região em número de trabalhadores beneficiários do seguro desemprego formal, composição de empreendimentos e PIB.

Os dados apresentados demonstram a importância do consumo como setor de envolvimento da economia solidária com o capitalismo. Tendo ciência que o consumo na sociedade moderna, ultrapassa a condição de troca de mercadorias e sua relação de complementaridade com a produção. Seu papel social tem ganho destaque na manutenção do modelo econômico vigente, ele molda os indivíduos em seus gostos, quereres e desejos, sendo, portanto, capaz de montar a sociedade conforme melhor disponha para a contínua ascensão do capitalismo (SANTOS, 2015).

Todavia toda esta interação disforme entre indivíduos e mercadorias, elaboram uma “era do consumo” que vem se tornando cada vez mais insustentável. Seja economicamente, a partir de uma necessidade cada vez maior de maximizar lucros a qualquer custo, no qual os grandes administradores esquecem de sua humanidade fechando os olhos para as mazelas que suas ações geram. Seja ambientalmente, em um modelo que não se mostra capaz de viver em harmonia com a natureza, estimulado por uma busca incansável por mais matéria prima, sem se importar muitas vezes, com as consequências quer para os seres humanos ou o meio ambiente. Todas estas repercussões são mantidas por indivíduos que são impulsionados e moldados por suas influências sociais a consumir de determinada forma, priorizando produtos e valores em detrimento de outros (KANAN, 2011).

O consumo pode parecer apenas mais um mecanismo de manutenção e organização do capitalismo, entretanto sua capacidade peculiar de expressar padrões éticos e políticos de uma sociedade, o mostram como o catalizador ideal para a aproximação entre diferentes modelos econômicos. O consumo alternativo se propõe a aproximar os indivíduos de outros saberes, nem sempre novos, mas que busquem conecta-los com valores que verdadeiramente os representam, desta forma estimulando toda uma visão diferenciada de como se estruturar uma sociedade. Os movimentos de consumo consciente e responsável vem auxiliando este processo, é a partir deles que muitos indivíduos são capazes de observar o mundo por outros olhos, e então se aproximarem de práticas como a economia solidária. (SANTOS, 2015)

A Cesta Sabores da Terra é uma das ramificações do Projeto Sabores da Terra realizado pelo Núcleo de Estudo Rurais e Urbanos (NERU) no Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ERS), pertencente a Universidade Federal Fluminense (UFF). Ele é uma ramificação investigativa e extensionista dos projetos Educação do Campo, Políticas Públicas e Participação Social, que também são desenvolvidos pelo núcleo. Sua missão inicial foi realizar um levantamento socioeconômico, traçando o perfil dos agricultores, considerando os produtos cultivados e quais os canais de comercialização utilizados no Assentamento Antônio de Farias e Acampamento Madre Cristina. No decorrer do trabalho com os agricultores familiares de Campos dos Goytacazes, buscou-se aproximá-los de valores e práticas da agroecologia, valorizando a biodiversidade regional, as relações sociais harmônicas e desestimulando o uso de componentes químicos.

A cesta se tornou um dos intuitos do projeto como alternativa de escoação da produção destes pequenos produtores de forma justa, realçando e valorizando suas

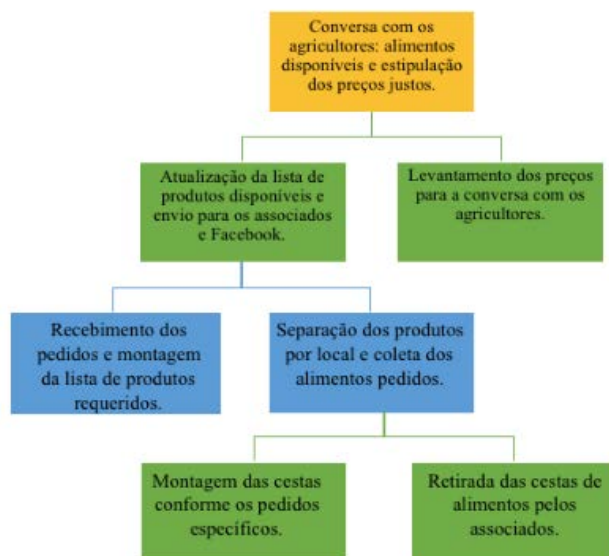
caraterísticas produtivas, assim como estimulando os produtores a reproduzirem suas tradições e valores sociais. Ela se baseia no movimento de consumo responsável e o *Slow Food*⁷, no qual o primeiro prega por um consumo eficiente de bens, enquanto o segundo preza pelo consumo de alimentos locais e regionais produzidos de forma harmônica com o meio ambiente e os indivíduos. Sendo assim, a Cesta, além de ser um circuito curto de comercialização para os agricultores⁸, estimula uma produção com redução de químicos e local de alimentos, resgata os saberes locais, incentiva a implementação de processos de cultivos mais saudáveis para os produtores e consumidores.

O projeto iniciou em outubro de 2014, com o apoio de um grupo de consumidores formados por professores e técnicos da UFF. Atualmente o pedido é feito via e-mail, a partir de uma lista de produtos disponíveis semanalmente, que é disponibilizada para os associados via e-mail e na página do projeto na rede social Facebook. O trabalho envolve tanto bolsistas do Neru como voluntários, formando equipes responsáveis por cada uma das etapas que acontecem semanalmente do agricultor familiar a entrega da cesta. Todo o processo de montagem e logística pode ser detalhadamente observado no organograma 1.

Organograma 1- Fluxo da atividade semanal para a execução da Cesta Sabores da Terra

⁷ É uma associação internacional sem fins lucrativos, que prega pelo direito a uma alimentação saborosa, utilizando produtos de qualidade e feitos artesanalmente e que respeitem o meio ambiente e as relações pessoais. Um dos seus parceiros mundiais é a FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação).

⁸ Agricultores familiares proeminentes de assentamentos e acampamentos do programa Nacional de Reforma Agrária no município de Campos dos Goytacazes. No momento da pesquisa realizada (outubro a dezembro de 2016), contava-se com produtos do assentamento Antônio de Farias, Ilha Grande e Che Guevara, assim como do acampamento Luiz do Maranhão.



Fonte: Elaboração própria, com base no processo estrutural do projeto.

Dentre os participantes da pesquisa percebeu-se um sobressalente número de consumidores na faixa etária de 29 a 39 anos (44%), seguido de perto pelos de 20 a 28 anos (38%) e tendo a minoria concentrados nos 40 a 52 anos (19%). Referente a concentração residencial dos participantes, existe uma predominância por 3 habitantes (7 entrevistados), com sequência de 2 moradores (5 entrevistados) e 4 membros (4 entrevistados). A formação acadêmica dos consumidores apresenta um público formado inteiramente por pessoas envolvidas na comunidade acadêmica da UFF, tendo metade deles compostos de doutores professores do instituto, seguido por estudantes universitários (ensino superior incompleto), parentes de professores e outros funcionários do instituto (ensino superior completo). Alinhando estes dados sociais com a renda familiar mensal (tabela 1), permite-se começar a traçar um perfil socioeconômico dos consumidores da Cesta Sabores da Terra.

Tabela 1- Renda familiar mensal dos participantes da Cesta Sabores da Terra, dividido por formação acadêmica - 2016

Renda familiar mensal	Doutores	Estudantes	Ensino superior completo	Total
Mais de 12 salários mínimos (10.560,01)	5	0	0	5
De 8 a 12 salários mínimos (de R\$ 7,040,01 até R\$ 10.560,00)	3	0	0	3

De 6 a 8 salários mínimos (de R\$ 5.280,01 até R\$ 7.040,00)	0	0	1	1
De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2640,01 até R\$ 5.280,00)	0	2	0	2
De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 880,00 até 2640,00)	0	4	0	4
Até 1 salário mínimo (até R\$ 880,00)	0	0	1	1
Total	8	6	2	16

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados coletados durante a pesquisa.

Observando a tabela 1, perceber-se a existência de perfis socioeconômicos distintos entre os consumidores da Cesta, existe participantes: com doutorado, renda alta e faixa etária de 29 a 39 anos e 40 a 52 anos; estudantes universitários com renda média e baixa, pertencentes a faixa etária de 20 a 28 anos e os graduados com renda média e baixa concentrados na faixa etária de 29 a 39 anos. Estes perfis facilitam a compreender os consumidores, pois ao agrupar os dados baseado nestas condições, percebe-se padrões similares de comportamento, sendo a escolha da denominação dos grupos baseada nas sua formação acadêmica, devido a estarem todos vinculados direta e indiretamente ao contexto universitário

Ao observar os dados de preferência do consumidor, pela perspectiva dos perfis de consumo, encontra-se resultados bastante divergentes entre as escolhas dos participantes. Enquanto os doutores priorizam produtos locais e produzidos de forma justa e sustentável, os estudantes tendem a ser impulsionados pelo preço e pela localidade, como pode ser visto detalhadamente na tabela 2. O que pode ser concluído é que o consumidor que se encontra com um orçamento mensal menor, caso dos estudantes, tende a considerar o preço, peça chave para a compra, fator este não tão considerado pelos doutores por exemplo.

Tabela 2- Quando faço compras dou prioridade a produtos? Dividido por perfil de consumidor (Múltiplas escolhas possíveis por entrevistado) - 2016

Respostas	Doutores	Estudantes	Ensino Superior Completo	Total
De produção local, pois acredito que devemos apoiar os pequenos produtores da região.	5	3	1	9

Que eu tenho certeza que são produzidos de forma justa e sustentável.	5	1	1	7
Que possuem selos de certificação como: não testado em animais, de produção livre de agrotóxicos e não contem transgênicos.	3	1	0	4
Que possuem o menor preço.	1	3	1	5
De marcas conhecidas, que me foram indicadas pessoalmente ou por propaganda.	3	0	0	3
Total	17	8	3	28

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados coletados durante a pesquisa.

Portanto torna-se claro que o grupo dos doutores são os quais possuem hábitos de consumo consciente, pois mostram preocupação com fatores sociais e ecológicos durante os suas compras, estando dispostos a desconsiderar o preço como fator decisivo na obtenção do produto. Pode-se perceber também, que o consumo consciente vem se caracterizando como um “luxo” em que a maior parcela da população, não tem acesso.

Observando o fator preço mais atentamente, percebe-se que inicialmente a relação entre preço e produtos, mostra que o principal fator para os doutores é se existe exploração de meio ambiente e pessoas na produção da mercadoria, enquanto para os estudantes e graduados se o produto ofertado condiz com o preço. Esta descrição de preferências, mostra que quanto maior o nível de renda e formação acadêmica mais propenso o consumidor se torna a realizar um consumo responsável e consciente. Não excluindo os outros grupos de consumidores que também o fazem, entretanto eles não são tão propensos a esta prática. Ao mesmo tempo, estes dados também mostram que o preço pode não ser um fator decisivo na compra para as classes mais altas, mas não deixa de ser um fator relevante para eles.

Abordando um possível aumento de preço dos produtos da cesta (tabela 3), observa-se que para o grupo dos doutores, auxiliar os pequenos produtores e a qualidade dos alimentos são o fator decisivos para a compra sendo o preço um fator secundário. Já para os estudantes e graduados, manter a oferta dos produtores não é o primordial na decisão de consumo, sendo o nível de variação de preço o fator dinâmico na escolha do produto consumido. Todavia tanto os participantes alocados no grupo dos doutores quanto no de estudantes, consideraram manter o volume de compra baseado nas dificuldades enfrentadas pelos pequenos produtores, opção esta não considerada pelo grupo dos com nível superior completo. Mostrando assim que os hábitos de consumo não são influenciados apenas pelo nível de renda, mas que o

ambiente social o qual o indivíduo está inserido, também é responsável pela sua percepção de variáveis. Desta forma, pode-se supor que os estudantes ao terem contato direto com os professores, tendem a perceber a importância de alguns conceitos do consumo responsável.

Tabela 3- Se eventualmente o preço dos produtos da Cesta Sabores da Terra subirem, como tenderei a reagir? Dividido por perfil de consumidor (Múltiplas escolhas possíveis por entrevistado) - 2016

Respostas	Ensino Superior Completo			Total
	Doutores	Estudantes		
Não comprarei mais os produtos.	0	0	1	1
Reduzirei o número de produtos que eu compro, mas continuarei apoiando o projeto.	0	1	0	1
Manterei meu volume de produtos, pois entendo que os pequenos produtores, acabam tendo custos mais altos que os grandes atacadistas.	4	2	0	6
Não sei, vai depender do nível de aumento dos preços.	0	3	0	3
Não sei, vai depender de quais produtos aumentarem, pois gosto da qualidade dos produtos ofertados.	4	0	1	5
Total	8	6	2	16

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados coletados durante a pesquisa.

A importância da Cesta Sabores da Terra vai além como um grupo de consumo responsável tradicional pois ao ser um projeto de extensão universitária, realiza uma troca de saberes entre a comunidade e a universidade, transformando a teoria em prática. O trabalho realizado no projeto transcende um canal de comercialização alternativo para os produtores da região, tendo visto que o caráter inclusivo percebido ao observar os perfis dos consumidores, . O projeto tornou a experiência do consumo responsável possível para qualquer consumidor, independente do seu orçamento familiar, sendo, portanto, muito mais solidária, igualitário e justo que os grupos de consumo responsável convencionais. Reafirmando a interação diferenciada que existe entre os participantes da Cesta e os produtos ofertados, a tabela 11 traz as principais motivações que levam o consumidor a escolher a Cesta Sabores da Terra.

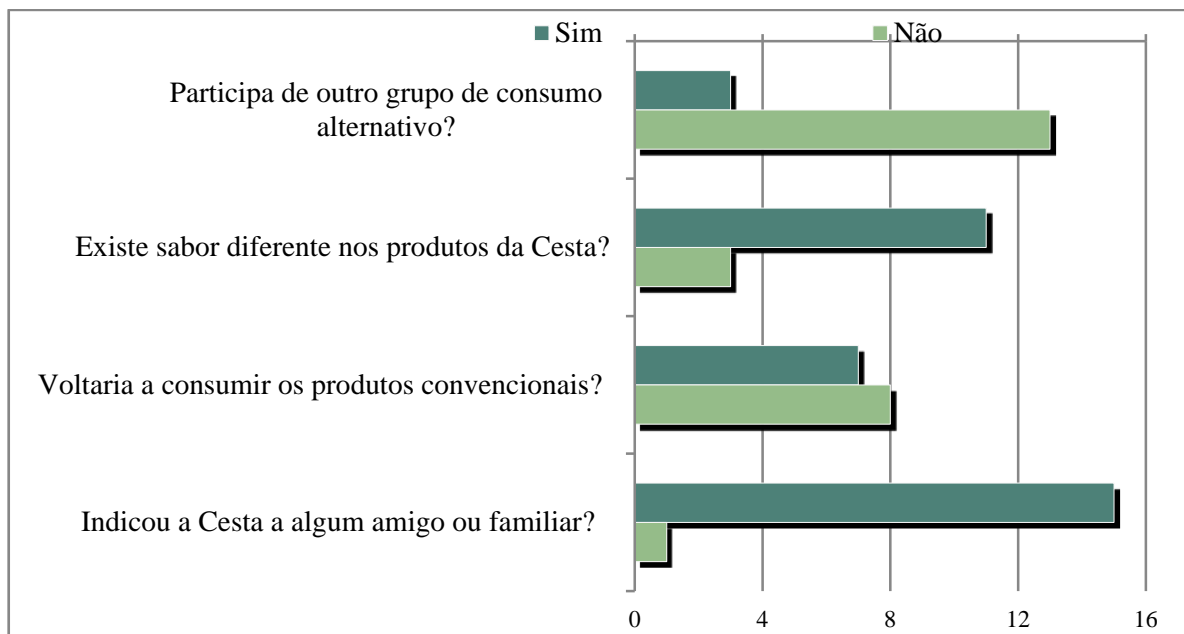
Tabela 4 - Por que compra os produtos da Cesta Sabores da Terra? Dividido por perfil de consumidor (Múltiplas escolhas possíveis por entrevistado) - 2016

Respostas	Doutores	Estudantes	Ensino Superior Completo	Total
Porque são produtos mais baratos, comparado aos preços dos supermercados	0	3	0	3
Para apoiar o Projeto da UFF que busca fortalecer a agricultura familiar, a produção local.	6	3	2	11
Apenas porque são produtos de qualidade.	2	1	1	4
Porque são produtos com um menor teor de agrotóxicos e fertilizantes, desta forma mais saudáveis.	5	4	0	9
Nenhum dos motivos acima citados	0	0	0	0
Total	13	11	3	27

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados coletados durante a pesquisa.

Pode-se perceber que os principais motivos de compra são fortalecer a agricultura familiar e a produção local, assim como consumir produtos com menor teor de agrotóxicos e fertilizantes. Tanto o grupo dos doutores quanto o dos estudantes possuem uma maior concentração de motivos no apoio ao projeto e alimentos saudáveis, demonstrando uma consciência social e fazendo do ato de consumir, um ato político de apoio. O que faz lembrar como discutido na primeira seção deste capítulo, que o papel do consumo já superou a muito a simples troca de mercadorias, ele o mantenedor de toda uma estrutura social, portanto quando feito de forma conscientes é um importante mecanismo de luta política.

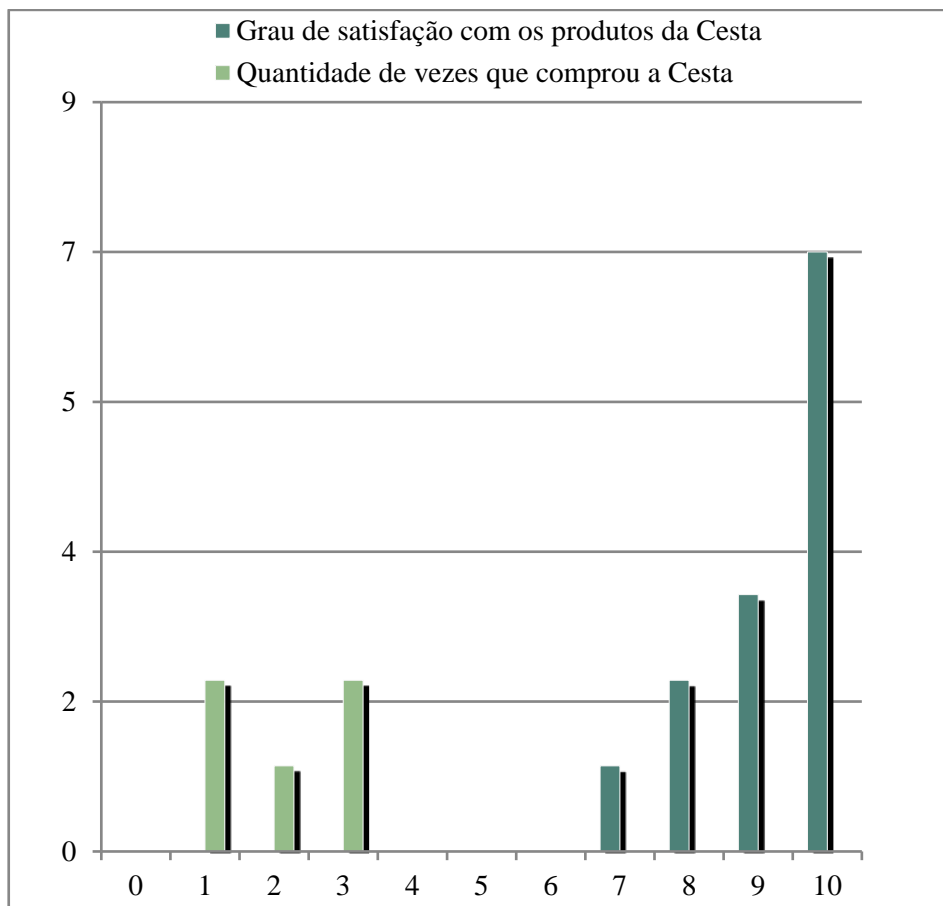
Gráfico 1- Relação do consumidor com o consumo alternativo e os produtos da Cesta Sabores da Terra – 2016



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados coletados durante a pesquisa.

Como pode ser visto no gráfico 1 a cesta representa para muitos o primeiro contato com os movimentos de consumo alternativo, sendo que mais de 12 participantes, não frequentam nenhum outro tipo de associação com esta proposta. Mostrando desta forma a importância do projeto para difundir as formas alternativas de economia, usando do consumo como mecanismo de contato. A conscientização dos consumidores é notável quando mais de oito participantes afirmam perceber diferença de sabor nos produtos da Cesta, mostrando assim que existe variações visíveis no cultivo com redução de químicos. O desafio, entretanto, é tornar este consumidor tão sensível as singularidades do consumo responsável que não volte a consumir os produtos convencionais, realidade a qual a metade dos participantes ainda está sujeita. Aparentemente este processo já vem ocorrendo pois, quase a totalidade dos consumidores indicou a Cesta a algum amigo ou familiar.

Gráfico 2 - Grau de satisfação com os produtos e quantidades de vezes que comprou a Cesta Sabores da Terra – 2016



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados coletados durante a pesquisa.

O apreço dos consumidores pode ser percebido pelo grau de satisfação com os produtos já que as notas apuradas se concentram em 10, demonstrando assim a estima que os participantes têm pelo projeto. Da mesma forma, o número de vezes que compraram a cesta é um ótimo indicador de apreciação dos produtos, mostrando que os consumidores valorizam as peculiaridades associadas ao consumo responsável pois nove dos 16 entrevistados realizaram a compra mais de 10 vezes. A interação do consumidor com o projeto vem mostrando resultados espetaculares, tendo recebido inúmeros elogios durante a pesquisa, assim como sugestões e ideais. Como toda experiência a Cesta Sabores da Terra tem desafios que precisam ser superados, todavia, ele vem cumprindo o seu papel de canal de comercialização e integração da comunidade acadêmica via uma prática de consumo consciente e responsável louvavelmente.

Considerações Finais

Esta pesquisa possibilitou verificar as sutilezas da economia solidária, tendo demonstrado o caráter adaptativo, solidário e social desta prática deixando claro a importância do indivíduo no fazer econômico. A percepção da economia solidária a partir dos autores possibilitou desvendar suas relações com o capitalismo, mesmo não havendo um consenso entre quanto a quais seriam seus passos futuro. Estes mesmo pesquisadores, apontam que seu impacto econômico não pode ser desconsiderado e mesmo que seja mínimo para uns e completo para outros, seus desdobramentos vem ganhando destaque e importância junto a economia brasileiro e merecem atenção.

Por sua vez, o Brasil apresenta uma economia solidária sólida, que pode ser percebida a partir do banco de dados de empreendimentos com abrangência nacional, e quando comparada com indicadores macroeconômico convencionais, demonstra a sua predileção por áreas de menor desenvolvimento econômico. Sendo capaz de estimular estas localidades de uma forma eficiente, mas que ao mesmo tempo não desvincula a presença da economia convencional, sendo, portanto, uma ponte entre os dois modos de se desenvolve e demonstrando que uma não precisa necessariamente excluir a outra. Todavia, a forte presença destes empreendimentos em regiões mais carentes, não omite a presença das práticas solidárias nas regiões mais desenvolvidas do país, que pode ser vista a partir da participação significativa do Sudeste.

O levantamento feito com a Cesta Sabores da Terra permitiu analisar bem minuciosamente através dos dados coletados com os consumidores e divididos nos perfis de doutores, estudante e ensino superior completo. Os perfis possibilitaram observar a participação dos consumidores com lentes mais direcionadas, que auxiliaram a entender os diferentes comportamentos. Enquanto os doutores estão familiarizados com as motivações dos movimentos de consumo responsável e consciente e possuem situação financeira que os possibilitam não mais dispor do preço como principal parâmetro de escolha. Os estudantes tentam harmonizar sua situação economia vulnerável com suas vontades de consumir responsávelmente, que a partir do projeto pode ser realizado. Sendo a principal contribuição da cesta foi a popularização do acesso a produtos produzidos de forma sustentável, com menor teor de agrotóxicos, propícios da prática agroecologia e com relações humanas sadias, que representam as práticas de economia solidária. Então torna-se claro que é através do

contato e participação em experiências reais de um consumo consciente e responsável que a economia solidária e capaz de atrair, cativar e manter novos e antigos participantes.

Referências Bibliográficas

CARLOS, Thalles Martins Soares. Relatório Sabores da Terra. Campos dos Goytacazes: UFF, 2014, 23 p.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho. “Terceiro setor, economia social, economia solidária e economia popular: traçando fronteiras conceituais”. Bahia: Análise e Dados. Salvador, SEI v. 12, no. 01. P. 9-19. Junho de 2002. Disponível em: <<https://intranet.dcc.ufba.br/pastas/ondadigital/backupAnexoSite/incluiSim/EconomiaSolidaria-FronteirasConceituais.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2016.

GAIGER, Luiz Inácio Germany. A ECONOMIA SOLIDÁRIA DIANTE DO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA. CADERNO CRH, Salvador, n. 39, p. 181-211, jul. /dez. 2003

KANAN, Lilia Aparecida. Consumo sustentável & economia solidária: alguns conceitos e contribuições da Psicologia. **Fractal: Revista de Psicologia**, [s.l.], v. 23, n. 3, p.607-624, dez. 2011. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1984-02922011000300011>. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/fractal/v23n3/v23n3a11.pdf>>. Acesso em: 1 fev. 2017

MANCE, Euclides ANDRÉ. REDES DE COLABORAÇÃO SOLIDÁRIA. IFIL, Curitiba, 11/2002 24. Disponível em: <<http://www.solidarius.com.br/mance/biblioteca/redecolaboracao-pt.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

MANCE, Euclides ANDRÉ. A REVOLUÇÃO DAS REDES DE COLABORAÇÃO SOLIDÁRIA. In: Encontro Internacional de Ecônomas Salesianas, 2005, Servilha. Disponível em:<http://www.solidarius.com.br/mance/biblioteca/A_Revolucao_das_Redes_de_Colaboracao_Solidaria.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2016.

SANTOS, Luciane Lucas dos (2015), “Consumo, hierarquias sociais e colonialidade econômica: na contramão de uma banalização da consciência”. Revista Espaço Ética: Educação, Gestão e Consumo, Ano II, n. 06, set./dez.

SINGER, Paul. DEZ ANOS DE SECRETARIA NACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA (SENAES). **Mercado de Trabalho: ECONOMIA SOLIDÁRIA E POLÍTICAS PÚBLICAS**, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), v. 56, p.89-93, fev. 2014. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3784/1/bmt56_econ02_dez_anos.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2016.

SINGER, Paul. ECONOMIA SOLIDÁRIA: UM MODO DE PRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO, s.d. p.1- 15. Disponível em: <<https://financassolidarias.files.wordpress.com/2012/10/economia-solidc3a1ria-paul-singer.pdf>> Acesso em: 15 ago. 2016.

SLOW Food Brasil: O movimento Slow Food. O movimento Slow Food. 2007. Disponível em: <<http://www.slowfoodbrasil.com/slowfood/o-movimento>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

SOCIOECONÔMICOS, Departamento Intersindical de Estatística e Estudos (DIEESE). **Observatório Nacional de Economia Solidária**. 2016. Disponível em: <<http://ecosol.dieese.org.br/index.php>>. Acesso em: 28 nov. 2016.